

## **TEMA 2 – Natureza do Conhecimento e Ensino**

### **Análise Crítica: Júlio César Pascoaloti de Lima**

Os dois capítulos abordam de formas diferentes, Anastasiou e Alves focam em três principais pilares: Ensinar, aprender e apreender. Já o Bates discorre a respeito da visão epistemológica e filosófica do ensino. Podemos analisar que os dois autores concordam que a estética atual de ensino não é mais tão eficiente. Podemos analisar a sala de aula em um aspecto genérico pra facilitar: uma sala de aula com cinquenta alunos, um professor que transmite seu conteúdo de forma expositiva de forma monotônica e em slides com poucos recursos visuais, de fato o conteúdo que será absorvido por esse estudante será muito baixo, a própria presença do aluno em sala de aula não é necessária para que ele “decore” esse conteúdo e transcreva no momento da prova.

Pode parecer uma situação extrema, mas esse tipo de ensino é extremamente comum no ensino básico e nas universidades, tornando o aproveitamento do aluno muito inferior ao que poderia ser conquistado, o aluno sai da universidade ou da aula com a impressão que não domina o conteúdo e não criamos críticos e pensadores de fato para inovarmos em nossa indústria de saberes que é a universidade.

Essa defasagem no ensino se reflete no nosso próprio modo de ensinar, nossas aulas permanecem no mesmo formato medieval e expositivo pois fomos ensinados que essa é a melhor maneira de transmitir o conhecimento. Entretanto no cenário atual, com a globalização da informação e desenvolvimentos tecnológicos, o celular, uma notícia no jornal ou um videogame portátil são muito mais interessantes que uma aula tradicional monótona. A questão é como podemos tornar nossas aulas mais interessantes ou utilizar as tecnologias em nosso ensino?

Nós podemos usar as ferramentas digitais em auxílio dos pensamentos filosóficos para tornar nossas aulas mais didáticas, dinâmicas e que fixam melhor o conhecimento. Um exemplo é usar a epistemologia introduzindo o conhecimento científico em nossas aulas, como utilizando artigos que abordem o tema ou instigando os alunos em problemas atuais que ainda não foram resolvidos por limitações tecnológicas e científicas (EX: em uma aula sobre fisiologia do pâncreas endócrino, discutir com os alunos por que a insulina não é administrada de forma oral nos pacientes com diabetes tipo 1), dessa maneira nós usamos conhecimentos previamente definidos e cientificamente provados como corretos para resolver um “problema” que afeta o cotidiano de milhares de pessoas no globo. O método Phillips 66 também pode ser uma potente ferramenta nas turmas onde um problema é apresentado e uma solução deve ser criada em um momento pré determinado.

Podemos usar o Behaviorismo em outros problemas na sala de aula, essa base filosófica estuda e observa o comportamento, quando estamos em aula podemos colocar isso em prática diversas vezes, como por exemplo: Ao ensinar a fisiologia do

Medo Inato e Medo Aprendido podemos trazer o experimento realizado por Watson mundialmente conhecido com o “Little Albert” na qual um bebe é ensinado a ter medo de ratos, esse experimento pode levantar a discussão a respeito de fisiologia do medo, neuroanatomia, além de assuntos como ética, moral e experimentação animal e humana. Uma forma fácil, com elementos contemporâneos e filosóficos para melhor fixar o conteúdo dos estudantes.

Nosso papel como professor é genericamente visto como o portador do saber e transmissor do conhecimento. Entretanto a sala de aula é um local onde nós aprendemos junto com os alunos, tornar nossas aulas um ambiente didático e de transmissão de conteúdo é essencial, mas torna-la um local de discussão é transcender as expectativas e pode tornar nossas aulas um ambiente prazeroso do saber, algo talvez almejado desde “A República” de Platão. As novas mídias, novos softwares e tecnologias podem se tornar poderosos aliados nessa jornada. Entretanto o fato do conhecimento ser visto constantemente como mercadoria prejudica esse processo, nossas aulas são curtas, turmas super lotadas e não há espaço para o pensamento crítico, apenas a formação “tecnificada” e obsoleta.